

Revista

UBC

REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA
DE COMPOSITORES
#19 / FEVEREIRO 2014

ISSN 2176153-1



9 772176 153002

+ FUNK: MODOS DE USAR

**+ QUANDO O TRABALHO
É UMA FOLIA**

**+ PAULINHO TAPAJÓS,
LUIS CARLINHOS,
OTTO, MARIA GADÚ,
JOSILDO SÁ**



DANIEL

**COM QUASE TRÊS DÉCADAS DE CARREIRA, ELE
VOLTA A BRILHAR NA TV, FALA DE PLANOS PARA
NOVAS MÚSICAS, RELEMBRA O AMIGO E PARCEIRO
JOÃO PAULO E ANUNCIA UMA BIOGRAFIA**

PORTAL DO ASSOCIADO

Em portal.ubc.org.br, de qualquer lugar você pode:

- consultar obras
- consultar fonogramas
- conhecer seus créditos retidos
- alterar dados cadastrais
- obter demonstrativos de pagamento*
- obter recibos de pagamento*

Para pedir seu login, envie um e-mail a atendimento@ubc.org.br e conecte-se ainda mais à UBC!

* Para ter acesso às informações financeiras, você deve mencioná-lo explicitamente no pedido. Uma vez que o titular passe a receber os extratos pelo portal, já não terá os demonstrativos em papel.



União Brasileira de Compositores



EDITORIAL

Iniciamos mais uma ano de luta pelos direitos autorais. No ano que passou, as tempestades vieram de todos os lados. O Congresso Nacional, agindo como se estivéssemos em tempo de guerra, aprovou, em quatro dias, um projeto de lei nefasto, originado no Ministério da Cultura (?) e nas mentes demagógicas de dois senadores. Houve acordos com meios de comunicação e com tevês a cabo, o que foi um alívio para o fim de ano dos profissionais da música brasileira. Confiamos no guardião da nossa Constituição, o STF, para que os nossos direitos sejam garantidos e não atropelados. E seguimos em frente, trabalhando sempre pelo melhor.

Fernando Brant



ÍNDICE

04 : NOVIDADES **NACIONAIS**
07 : FIQUE DE OLHO
08 : NOVIDADES **INTERNACIONAIS**
09 : MEMÓRIA: **PAULINHO TAPAJÓS**
10 : TODAS AS CARAS DO FUNK

12 : CAPA: **DANIEL**
16 : COMPOSITORES DO CARNAVAL
18 : ESPECIAL: **UBC SEM DÚVIDA**
21 : SERVIÇO: **COMO ADMINISTRAR OS DIREITOS AUTORAIS**

A **Revista UBC** é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivos a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural / **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, Aloysio Reis, Manoel Nenzinho Pinto, Ronaldo Bastos e Sandra de Sá / **Diretora-executiva:** Marisa Gandelman / **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr
Projeto gráfico e diagramação: 6D / **Editor:** Alessandro Soler (MTB 26293) / **Colaboraram nesta edição:** Alex Chagas Vieira, Bruno Albertim, Bruno Calixto e Leonardo Lichote / **Foto da capa:** Gabriel Wickbold / **Tiragem:** 6 mil exemplares / Distribuição gratuita

UBC União Brasileira de Compositores

'NÃO QUERO SÓ UM CLIQUE, TENHO UMA RELAÇÃO AFETIVA COM A MÚSICA'

LUIS CARLINHOS FALA DE SEU PRIMEIRO DVD, 'GENTES - 20 ANOS AO VIVO', GRAVADO POR MEIO DE FINANCIAMENTO COLETIVO E EM CLIMA INTIMISTA

A data foi cabalística. No dia 12/12/12, o músico carioca Luis Carlinhos reuniu umas duzentas pessoas na Casa das Canoas, em São Conrado, no Rio, para, depois de três discos de estúdio, gravar diante do público seu primeiro DVD. “Sentia muita vontade de reunir o que eu tinha produzido de melhor”, explica esse artista popular e comunicativo por natureza.

No repertório de “Gentes - 20 Anos Ao Vivo”, que ele lançou no fim do ano passado, não faltou sua composição de maior sucesso, “Oh! Chuva”, registrada em disco pela banda de reggae Dread Lion e também pelo grupo de forró Falamansa. Apareceram ainda as inéditas “Me Cura”, um reggae-pop em parceria com Alvinho Lancellotti, da banda Fino Coletivo, e “Estranho Amor”, uma balada composta com Carlinhos Vergueiro e Rogê.

Não por acaso, o financiamento do disco veio de uma parceria com a audiência. Luis Carlinhos pagou o projeto no chamado crowdfunding, o patrocínio direto pelo público. “Essa estratégia cria uma parceria incrível com o público”, diz, nesta entrevista:

Por que fazer o financiamento por meio do crowdfunding? Quais as vantagens do financiamento coletivo?

Eu sou uma figura que sempre teve muito contato com o público, muitos viraram meus amigos, e muitos amigos viraram público. Então, o financiamento coletivo tem tudo a ver comigo. Por que ter apenas um mecenas? Apenas uma gravadora? Um prédio só sobe se alguém comprar o apartamento. Essa é a lógica real

do crowdfunding. Eu tinha um objeto interessante, os 20 anos de carreira. Então, tinha a coisa do DVD, que exige um investimento maior. Mas as pessoas ainda não conhecem bem o processo, e é preciso explicar bem, eu tenho um público de várias idades, mais e menos acostumado com a internet. A proximidade é fantástica. Hoje, é tão fácil, tão banal baixar uma coisa, banaliza a própria relação com a música. Não quero só um clique, tenho uma relação afetiva com a música, de experiência. O crowdfunding é levar essa relação ao extremo.

Por que “Gentes Ao Vivo”?

Depois de cinco discos em estúdio, eu queria um disco que tivesse a organicidade e a performance que só ao vivo se consegue. Essa vontade de pegar o melhor que você tem no repertório. É a primeira vez que eu faço um DVD, com um trabalho bem filmado de vídeo, o que traz uma outra substância. Tem de tudo. Do Dread Lion, que foi minha formação de banda, minha escola, a pop e MPB, uma sonoridade mais adulta.

Por que quis gravar numa data tão simbólica e numa casa de eventos, não de shows? No que isso interfere na “atmosfera” do disco?

O fato de ter sido numa casa tem a ver com o próprio financiamento coletivo. Eu sabia que seria para poucos. Apesar de ter uma plateia grande, eu sabia que isso iria imprimir uma diferença. Até nos lugares grandes em que toco, gosto de me aproximar do meu público. Ter as pessoas mais próximas de mim traria um ambiente mais acolhedor, o que obviamente interfere na atmosfera. 

OTTO CANTA MARTINHO

Otto começou o ano com o pé no samba. E dos clássicos: está montando um show com o repertório de “Canta Canta, Minha Gente”, álbum histórico de Martinho da Vila. “Talvez esse disco tenha me chamado, lá atrás, a atenção para o candomblé. Sempre quis cantar esse álbum, tenho a memória de todas aquelas nuances de Martinho”, diz o pernambucano de 45 anos, que foi fisgado pelo sambista quando tinha cinco. Os ensaios começam este mês. A banda vai contar com Pupillo e Bactéria, dois dos nomes de primeira hora da geração mangubeat, da qual Otto, percussionista e baterista das primeiras formações de Nação Zumbi e Mundo Livre S.A., faz parte. Um dos shows já está confirmado para maio, durante a Virada Cultural de São Paulo.

OS DUETOS DE GADÚ

Parceira de Caetano Veloso num álbum ao vivo que leva o nome dos dois, Maria Gadú tem um dos maiores trânsitos entre os nomes da chamada nova MPB. Prova de sua capacidade de interlocução é o recém-lançado “Nós”, produzido pelo selo Slap, da Som Livre. No disco, ela reúne nada menos que 18 duetos marcantes de sua recente carreira. Além de Caetano, estão lá Gilberto Gil, Milton Nascimento, Sandra de Sá e Ivan Lins.

Além da velha guarda, aparecem também novos destaques, como nas faixas “Do Nada, Me Jogaram Aos Leões” (com Jay Vaquer), “Música Inédita” (com Tiago Iorc) e “Felicidade” (com Leandro Léo). Há também participações internacionais: Jesse Harris, que canta com ela “I Know It Won't Be Long”, e Eagle-Eye Cherry, com “Alone”.

Com Ana Carolina, Gadú divide a balada romântica (com um ligeiro tempero de blues) “Mais Que a Mim”. “Rancho Fundo”, com Chitãozinho e Xororó, é especialmente emocionante. “É um grande presente poder contar com todos esses duetos em minha discografia”, ela resume. Apenas um dos últimos duetos ficou de fora da edição do álbum. A liberação para a inclusão de “Blue Velvet”, com Tony Bennett, só chegou depois da finalização.

A JARDINEIRA DE RAFAEL PONDÉ

Um dos fundadores da banda Diamba e também ex-integrante do Natiruts, Rafael Pondé está a todo vapor em sua temporada de verão na Bahia. Até o final de março, todos os sábados, o músico apresenta o show do disco “Africabahia” na casa Afrobeat, no bairro de Stella Maris. “A cidade enche muito nessa época, tem muita gente de fora, e os baianos estão também com espírito especialmente festivo”, afirma. Um dos belos momentos do show - e do disco - é quando ele canta a clássica marchinha “Jardineira”, composta pelo seu tio-avô Humberto Porto, membro fundador da UBC e um dos primeiros autores a inserir, na década de 1930, a linguagem iorubá na música brasileira. “Esse disco é dedicado, principalmente, a ele”, conta Pondé.



O VOO LIVRE DO DIS MOI

A repercussão depois da participação na última edição do Lolapalooza Brasil foi excelente. Talvez por isso mesmo seus integrantes tenham resolvido alçar voos próprios. A banda indie Dis Moi deu um tempo. “Resolvemos que era hora de cada um fazer sua própria música”, diz a jovem Bela Leindercker, que liderava a banda com Erick Endres.

“Agora, vou fazer um pouco de indie, rock, pop... E estudar um pouco mais. Este é um momento mais de foco que de glamour”, ela ri. Filha de Luciano Leindecker, da banda Cidadão Quem, Bela também tem tocado cada vez mais com o pai. “Com ele gosto de fazer covers internacionais, como Stevie Wonder e Amy Winehouse, além de tocar as músicas da banda dele.” Pai e filha também estão compondo juntos.

O FORRÓ CONTEMPORÂNEO DE JOSILDO

Festejado por seu forró contemporâneo, suingado e de namoro aberto com a gafeira, o pernambucano Josildo Sá foca agora o sertão. Ele prepara um EP com seis músicas em homenagem aos mestres aboiadores. Vai lançar, de modo independente, o compacto com recriações de temas dos míticos Vavá Machado e Marcolino. “Sou muito influenciado pela toada e pela poética dos vaqueiros”, diz Sá, que transformou os aboios com arranjos de viola, bateria e clarinete, ao estilo do seu Samba de Latada.

NOVAS "LÍRICAS" DE ZECA BALEIRO

O cantor e compositor abriu o ano em clima nostálgico. Numa série de shows iniciada no Sesc Belenzinho, em São Paulo, ele revisita o repertório de um de seus álbuns mais marcantes, “Líricas”, terceiro de estúdio, lançado em 2000. Considerado pela crítica uma “ruptura” com as sonoridades e os temas de trabalhos anteriores, introduziu violoncelos, violinos, clarinete, acordeão, violões de aço, gaitas e banjos nos arranjos. O show, que faz parte do projeto “Álbum”, é marcado pela execução das 12 faixas do disco na íntegra e na sequência. Enquanto não entra em estúdio para gravar um disco de inéditas, o maranhense deve apresentar o espetáculo outras vezes pelo país.

FIQUE DE OLHO

STF TERÁ AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR NOVA LEI DE DIREITOS AUTORAIS

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luiz Fux convocou uma audiência pública para discutir a nova lei da gestão coletiva de direitos autorais (12.853/2013), que entrou em vigor em dezembro do ano passado trazendo modificações polêmicas à antiga norma e questionadas pela UBC. Entre outros pontos, uma das críticas, por exemplo, é a caracterização como “de interesse público” da atividade, o que, segundo a nova lei, justifica a fiscalização e a intervenção direta na operação das associações que defendem os interesses dos autores. Além disso, a nova lei determina a redução, sem estudo prévio do impacto que poderá causar, da taxa de administração do Ecad e das associações descontada dos valores arrecadados com a finalidade exclusiva de custear suas atividades. Fux é o relator das duas Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADIs 5.062 e 5.065) ajuizadas pelo Ecad e pela UBC. Até as 20h do próximo dia 14 de fevereiro é possível se inscrever para participar da audiência pública, em Brasília, por meio do e-mail direitosautorais@stf.jus.br. Cada participante terá até dez minutos para falar. De acordo com o ministro, a apreciação da matéria ultrapassa os limites estritamente jurídicos e exige abordagem técnica e interdisciplinar, “atenta às nuances da gestão coletiva de direitos autorais e às repercussões práticas que o novo modelo normativo ensejará sobre a dinâmica do setor”. A audiência está marcada para 17 de março.

MARCO CIVIL DA INTERNET PODE IR A VOTAÇÃO ESTE MÊS

Oito vezes adiada desde 2012, a votação do Marco Civil da Internet deve se dar este mês. E pode opor a presidente Dilma Rousseff e o principal aliado do PT na sustentação da base partidária, o PMDB. O ponto de discórdia se refere à chamada neutralidade da internet, que proíbe a provedores de acesso vetar, admitir ou priorizar certos conteúdos de acordo com a velocidade contratada pelo assinante. Dilma está irredutível em manter a neutralidade, um dos princípios da rede mundo afora, enquanto o PMDB ameaça se rebelar contra ela, atendendo a demanda das empresas de telefonia. O Marco Civil é uma das questões que, no momento, trancam a pauta de votações da Câmara dos Deputados, daí a urgência do governo em votá-lo de uma vez. Para tentar atrair o PMDB, o deputado Alessandro Molon (PT-RJ), relator da nova regulamentação, fez uma modificação no texto garantindo às empresas o direito de vender pacotes de velocidades diferentes, mas vetando a manipulação da velocidade segundo o conteúdo usado pelo cliente. Ou seja, as empresas não poderão diminuir a velocidade de usuários que trafegam dados mais pesados (vídeos e músicas, por exemplo), como chegaram a requerer. Outra mudança feita pelo relator para amenizar o lobby contrário ao Marco Civil trata da reprodução de conteúdo audiovisual sem autorização de seus produtores. Foi feita uma alteração no artigo 20 do Marco Civil, introduzindo um parágrafo que transfere para a Lei de Direitos Autorais (LDA) a criação de regras para punir sites que reproduzirem obras protegidas por direitos autorais sem autorização.

NOVA DIRETORIA DA UBC SERÁ ESCOLHIDA MÊS QUE VEM

Serão realizadas no próximo dia 28 de março as eleições para escolher os sete membros da diretoria e os seis (três efetivos e três suplentes) do Conselho Fiscal que estarão à frente da nossa associação pelos próximos três anos. Segundo a nova lei da gestão coletiva de direitos autorais, aprovada em dezembro, agora só podem votar e ser votados os titulares originários do direito. Portanto, editores não têm mais direito a voto. Para participar do processo, é preciso criar uma chapa e submetê-la à secretaria geral. O prazo final para as inscrições, de acordo com o regulamento publicado no último dia 24 de janeiro, termina em 25 de fevereiro. Leia o regulamento completo no nosso site (ubc.org.br) e participe deste processo. No dia 19 de março, ocorrerá também a Assembleia Geral Ordinária da UBC, realizada todos os anos para a leitura e a aprovação do relatório anual e do balanço. Visite nosso site para mais informações.

PERDOMO DEIXA DIRETORIA DA UBC

Membro da direção da União Brasileira de Compositores desde 1989 e ativo defensor dos direitos autorais, com participação atuante na chamada CPI do Ecad, em 2011, José Antonio Perdomo deixou seu cargo em outubro passado. Ex-diretor geral da EMI Music Publishing do Brasil, Perdomo parte para projetos pessoais. A UBC lhe agradece por suas dedicação e lealdade durante todos esses anos e lhe deseja sucesso em seu novo caminho.



NOTAS INTERNACIONAIS



GOOGLE É OBRIGADO A REMOVER MAIS DE 200 MILHÕES DE LINKS ILEGAIS EM 2013

Dados compilados pelo medidor Torrentfreak revelam que o Google removeu mais de 200 milhões de links piratas do seu mecanismo de busca em 2013. Entidades como a British Recorded Music Industry (BPI) e a Recording Industry Association of America (RIAA) foram as responsáveis pelo maior número de solicitações de remoções, 43 milhões e 31 milhões, respectivamente. O FilesTube foi o site que abriga conteúdos piratas mais afetado, com 7,7 milhões dos seus links eliminados do Google. O MPAA, organismo que negocia conteúdos de filmes em Hollywood, criticou o Google por “não fazer o bastante” para impedir que as pessoas encontrem links piratas nos seus sistemas de buscas. Já o diretor-presidente do BPI, Geoff Taylor, afirmou que o gigante americano “leva os consumidores a um submundo de sites piratas” ao “persistentemente apresentar tais links acima dos serviços legais de descargas de música”. A informação é do site da Confederação Internacional dos Editores de Música (ICMP).

ITÁLIA APROVA REGULAMENTAÇÃO QUE PREVÊ FECHAMENTO DE SITES PIRATAS MESMO SEM DECISÃO JUDICIAL

A Autoridade Italiana de Comunicações (AGCOM, na sigla em italiano) aprovou uma nova regulamentação para coibir a pirataria digital. A norma estabelece o fechamento imediato de todos os sites que oferecem conteúdo ilegal, independentemente de decisão judicial. Assim como em outros países da União Europeia, o foco da ação das autoridades não será o usuário, mas a chamada “indústria da pirataria”, que explora conteúdos ilegais em larga escala. “Trabalhamos duro nos últimos três anos até atingir essa regulamentação”, disse Paolo Franchini, secretário-geral da Federazione Editori Musicali (FEM), a maior associação de editores musicais daquele país. A FEM coproduziu um vídeo institucional reunindo alguns dos mais destacados cantores e compositores italianos para orientar as pessoas sobre os danos que o consumo de material pirata acarreta à própria estrutura da indústria cultural. A nova regulamentação entra em vigor no próximo mês e, segundo especialistas, pode servir de modelo para outros países.



WARNER: QUEDA DAS VENDAS DE CDS É COMPENSADA PELO CRESCIMENTO DOS STREAMINGS

Um dos maiores desafios da indústria fonográfica parece dar sinais de uma luz no fim do túnel. A gigante americana Warner Music anunciou, no fim do ano passado, que a queda de 7% nas vendas em mídias físicas (CDs, sobretudo) em 2013 foi compensada - e superada - pelo crescimento de 15% na receita digital, totalizando aumento de 3% no lucro. Enquanto as vendas de produtos digitais como um todo cresceu 12%, a participação dos streamings (execução on-line sem necessidade de descarga permanente do arquivo) e das assinaturas digitais saltou 44%. “O streaming e as assinaturas são uma grande oportunidade para a indústria da música, não um motivo de preocupação”, destacou Steve Cooper, diretor do Warner Music Group, segundo o site Seeking Alpha. Também no fim do ano passado, o surpreendente lançamento de um “álbum visual” (todo de clipes) da cantora Beyoncé, gravado em segredo e dado a conhecer somente no dia em que foi posto à venda no iTunes, mexeu com a indústria da música. Até janeiro já passava de um milhão o número de downloads do disco, lançado unicamente em formato digital.

NO REINO UNIDO, AUMENTO RECORDE DOS STREAMINGS ALIVIA QUEDA NO MERCADO

As vendas de músicas caíram 0,5% no Reino Unido, ano passado, de £ 1,048 bilhão para £ 1,043 bilhão. O total lucrado pela indústria só não foi pior devido ao expressivo aumento no número de assinaturas on-line em streaming. Enquanto as vendas de CDs despencaram 12,8%, para 60,6 milhões de unidades (ou 64,4% do total vendido), os streamings saltaram 33,7%. As próprias vendas de álbuns por serviços como o iTunes subiram 6,8%, para 32,6 milhões de unidades, ou 34,7% do total do mercado britânico. Uma curiosidade é que, como ocorre em diversos outros países, inclusive o Brasil, a venda de LPs também vem apresentando sucessivas altas por lá. Em 2009 haviam sido vendidas pouco mais de 200 mil unidades. Ano passado foram 781 mil, alta de 100% sobre 2012. As informações são do site Music Ally.



BOM HUMOR, CRIATIVIDADE E UMA LUTA INCANSÁVEL PELOS DIREITOS AUTORAIS

EX-DIRETOR DA UBC MORTO EM OUTUBRO PASSADO, PAULINHO TAPAJÓS DEIXA UM LEGADO DE 300 CANÇÕES GRAVADAS, ALÉM DE LIVROS INFANTIS E INÚMERAS HISTÓRIAS SABOROSAS

Por Leonardo Lichote, do Rio

Compositor, arquiteto, escritor e ex-diretor da União Brasileira de Compositores, Paulinho Tapajós – morto em outubro passado, aos 68 anos, depois de seis lutando contra o câncer – acreditava quando criança que todos os adultos eram músicos. Filho do compositor e diretor da Rádio Nacional Paulo Tapajós, o autor de “Andança” (com Edmundo Souto e Danilo Caymmi) e “Sapato Velho” (com Mú Carvalho e Cláudio Nucci) cresceu cercado de instrumentistas, arranjadores, cantores. Radamés Gnattalli, Emilinha, Marlene, Luiz Gonzaga e Carmen Miranda estavam entre os artistas que ele conheceu e que marcaram sua infância de forma tão profunda que fizeram com que ele se lançasse na música.

A primeira canção sua a ser gravada entrou no disco “Música Nossa”, lançado em 1968. Era “Madrugada”, que fez com Arthur Verocai, com quem já tinha assinado outras músicas, como “Saudade Demais”, com a qual participou do II Festival Internacional da Canção (FIC). Foi filho, aliás, dessa era dos festivais. Em 1968, Beth Carvalho e Golden Boys lançaram “Andança” no FIC e ficaram com o terceiro lugar, atrás apenas de “Sabiá” (Tom Jobim e Chico Buarque) e “Pra Não Dizer que Não Falei de Flores” (Geraldo Vandré). No ano seguinte, foi o vencedor com sua “Cantiga por Luciana” (com Edmundo Souto).

Colega de Paulinho na faculdade de Arquitetura da UFRJ (Paulinho se formou, trabalhou na área, e, a título de curiosidade, entre seus projetos está o campo do Politheama, time de Chico Buarque), o parceiro Danilo lembra o caráter alegre do artista.

“Ele era muito bem humorado, como o irmão Maurício (Tapajós, também compositor). Certa vez, num trabalho sobre a viabilidade do metrô no Rio, chegamos à conclusão, fundamentada nas previsões de Nostradamus, que o mesmo seria inviável já que, segundo as centúrias do mago, o mundo acabaria em 1999. Por incrível que pareça, o professor nos deu cinco, e passamos todos do grupo”, lembra, aos risos.

Como produtor musical da Phonogram (hoje Universal), Paulinho trabalhou com artistas como Jorge Ben Jor (“A Tábu de Esmeralda”) e Fagner (“Manera Fru Fru Manera”). Motivado pelo nascimento dos filhos, o artista também produziu muito para crianças a partir da década de 1980, em livros que foram adaptados para musicais de teatro e TV, como o especial da Globo “Verde Que Te Quero Ver”. O musical “Janjão, o Anjo Doidão” ganhou nova montagem, mês passado, no Rio, com direção musical de seu filho Marcelo Tapajós.

“Paulinho adorava ir às escolas falar de seus livros, tinha muito carinho por essa atividade”, conta a viúva, Heloísa Tapajós. “Mas era essencialmente um compositor, com mais de 300 músicas gravadas. Tinha muito orgulho de todas elas, desde os sucessos até as desconhecidas, como “Lendas”, única parceria sua com Egberto Gismonti.”

Seu interesse pela defesa dos direitos do compositor levou-o à diretoria da UBC entre 1987 e 1992 e entre 1997 e 2002. “Direitos autorais eram um assunto recorrente em casa. Além de ter muita informação, ele era apaixonado pelo tema”, afirma Heloísa. 

VELOCIDADE CINCO

Tati Quebra-Barraco



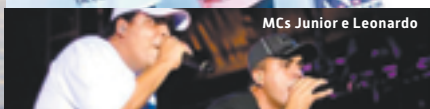
Bonde das Maravilhas



Mc Federado e os Leleks



MCs Junior e Leonardo



MCs Cidinho e Doca



Sandro SD Boyz



Bruninho Magnata



Anitta



Dennis DJ

SEJA NA ONDA POP OU NA 'RAIZ' DAS FAVELAS, O FUNK VIVE NOVA EXPLOSÃO. APESAR DISSO, CONTINUA A SER VÍTIMA DE PRECONCEITO, O QUE, PARA ESPECIALISTAS, O APROXIMA DO SAMBA

Por Leonardo Lichote, do Rio

O ano de 2013 começou com Naldo (depois rebatizado como Naldo Benny) dominando as rádios cantando que "vodca ou água de coco", para ele, tanto fazia. E terminou com Anitta e seu "pre-pa-ra" sendo ouvido em dueto com Roberto Carlos no especial do cantor na TV Globo. No meio do caminho, Beyoncé fez a Cidade do Rock, em setembro, tremer ao dançar ao som da batida do tamborzão e do refrão "ah, lelek lek lek lek lek", do MC Federado e Os Leleks – a americana fez bonito, apesar de não ter executado nenhum movimento comparável ao rebolado acrobático do Bonde das Maravilhas, com seu "quadrado de oito", outro fenômeno da temporada. "Amor de Chocolate" (Naldo Benny), "Show das Poderosas" (Anitta), "Passinho do Volante" (MC Federado e Os Leleks) e "Aquecimento das Maravilhas" (Bonde das Maravilhas) são quatro canções representativas não só do que o Brasil ouviu em 2013 mas também da força do funk e de sua renovação.

A pequena amostra aponta para a variedade do estilo. Naldo e Anitta se tornaram artistas pop, com shows repletos de efeitos especiais, bailarinos e orçamentos milionários e repertório completo – como poucas vezes aconteceu no funk (à exceção, talvez, de Claudinho & Buchecha, um gênero marcado por artistas de poucos sucessos. Em muitos casos, um único). MC Federado e Os Leleks tocam na inventividade do passinho, dança surgida espontaneamente nas ruas das comunidades e nas redes sociais e, possivelmente, o maior traço de verdadeira renovação do funk hoje. O Bonde das Maravilhas investe na sensualidade em sua invenção de passos sem fim – tradição do gênero desde os primeiros bailes, na década de 1980 - e afirma a presença feminina, que já teve marcos como Tati Quebra-Barraco, com seu feminismo hardcore.

"São várias propostas diferentes. A Tati cantava sozinha, defendendo a mulher. Nós somos um grupo, dançamos. E tem lugar para homem e para mulher, cada um com o seu", acredita Taísa, do Bonde das Maravilhas. "Hoje o funk é muito mais aceito que há alguns anos. Nós, do Bonde, fazemos shows de quinta a domingo direto, há um ano, muitas vezes com mais de uma apresentação por dia. Já fizemos 10 na mesma noite."

Se os artistas que entraram no *mainstream* têm vitrines como um especial televisivo visto por milhões de pessoas, centenas de MCs e DJs usam como divulgação o circuito de bailes (cerca de 400 só no Estado do Rio) e a internet. Eventos como a Roda de Funk reúnem novos e antigos nomes do gênero, e os vídeos dos encontros - inicialmente em São Gonçalo, no Grande Rio, e hoje com edições realizados em lugares como a Quadra da Mangueira (Zona Norte da cidade) ou clubes da cidade de Santos (SP), forte polo funkeiro fora do Rio – são vistos por milhões de pessoas na rede.

Julio Ludemir, autor do recém-lançado "101 Funks Que Você Tem Que Ouvir Antes de Morrer" (Aeroplano Editora), descreve como característica central do funk exatamente seu dinamismo. "O momento atual é curioso. Os bailes nas comunidades diminuíram, inicialmente reprimidos pelos comandos das UPPS e, agora, realizados muitas vezes em horários reduzidos, acabando à meia-noite, às duas da madrugada, hora em que começava a bombar. Por outro lado, a aceitação do funk no asfalto há muito tempo não é tão grande. Você tem eventos como o Rio Parada Funk e o Eu Amo Baile Funk, bailes para a classe média. No futuro, isso pode gerar uma falta de renovação, porque esses bailes do asfalto celebram os clássicos, enquanto que o novo do gênero vem tradicionalmente da favela."

Para Ludemir, por outro lado, o funk nasceu nos clubes de subúrbio e foi empurrado para as favelas pela repressão. "Esse movimento atual talvez seja o de reocupação do espaço onde o estilo nasceu, o que não deixa de ser interessante. A molecada talvez volte a circular pela cidade. A faixa 'Endereço dos Bailes', de MC Junior e MC Leonardo (que cita várias comunidades, clubes suburbanos e bairros cariocas) é isso: 'a cidade é minha, não estou preso à lógica da guerra de facções.'"

Conforme se expande para fora da favela, o funk também se fortalece em seus subgêneros - ou mesmo em fusões com outros estilos, como o funknejo (tão espalhado pelo Brasil quanto o neossertanejo) e o bregafunk (nascido e crescido em Pernambuco). Um dos que ganharam mais popularidade nos últimos anos foi o funk ostentação, com seu hedonismo marrento que canta a delícia de andar com joias, carros novos e luxuosos, cercado de mulheres, nos camarotes das melhores boates.

"Isso vem do hip hop americano, que sempre falou de carro, dinheiro, mulher. As pessoas gostam porque todo mundo quer ter um carro bom, uma casa boa, é do ser humano alcançar

um objetivo assim", arrisca MC Bruninho Magnata. "Mas o funk ostentação deve acabar em breve, ninguém aguenta ficar falando só disso. Eu mesmo, no início, escrevia as letras mais nessa onda, mas agora tento passar uma mensagem na música. Falo de dinheiro, mas também que não foi fácil conseguir aquilo, teve muito trabalho. A cena funkeira de São Paulo, que tem a coisa da ostentação muito forte, também está indo nessa linha de uma mensagem mais positiva. Mas acredito que o futuro no funk esteja no melody (subgênero romântico do funk), que hoje está em baixa."

Em meio à profusão de estilos, Ludemir pondera que o gênero passa hoje por um processo similar ao atravessado pelo samba. "Samba é a cena da Lapa, de classe média. Quando é popular, é chamado de pagode."

MC Doca, intérprete de "Rap da Felicidade" de autoria de Julinho Rasta e Katia ("Eu só quero é ser feliz/ Andar tranquilamente na favela onde eu nasci"), afirma o mesmo a partir de seu ponto de vista de funkeiro de mais de duas décadas. "O funk é filho do samba. O negro começou o samba, carregou o gênero enquanto ele era perseguido. Quando o samba passou a ser reconhecido, o negro foi lá para baixo ficar empurrando o carro. A mídia está fazendo a mesma coisa com o funk", diz. "Afastar-se do funk e virar pop é muito mais vendável. O mercado tira da mente do cara que ele é funkeiro, e aqui embaixo a bandeira do funk continua sendo sangrada."

Pode agonizar, mas não morre – como Nelson Sargento já cantou sobre o samba. Novos artistas, refrãos potentes e danças diferentes não param de surgir. Sandro SD Boyz (um dos autores de hits como "Tá Tudo Dominado" e "Bonecão do Posto"), hoje empresário e produtor de novos talentos do funk como MC Juninho da 10, avalia: "O tamborzão (ritmo do funk surgido na última década derivado dos batuques de terreiros e do maculelê baiano) é dinâmico, cada um põe seu elemento, sua contribuição. E isso não vai parar. Antes, poucos produziam: caras como Marlboro, Cidinho Cambalhota, os precursores. Hoje você monta seu próprio estúdio, com um laptop ou uma mesinha de oito canais. Todo mundo pode ser um produtor. Para lançar, não precisamos das gravadoras. Temos conexão direta com países africanos como Angola, Cabo Verde, e mandamos nossas produções para lá. Investimos no vídeo, botamos na internet, jogamos uns 10 mil CDs na rua... O artista vai tocar num baile, leva 1.500 discos, que viram 20 mil porque as pessoas copiam."

O produtor nota que, mesmo com a pirataria, o ganho com os direitos autorais é bom (o recolhimento é sobretudo nas rádios populares e em programas de TV como "Esquentar" e "Superpop"). "Sou da UBC há 23 anos. Recebo direitos vindos do Japão e até do uso do 'Bonecão do Posto' em torcidas do Campeonato Espanhol." revela Sandro.

Quem também não reclama de quanto recolhe é Dennis DJ. Atuando de modo independente, sem subir ao palco, mas produzindo programas de rádio no Rio, ele é autor de incontáveis sucessos do funk, como "Um Tapinha Não Dói", "Vai Lacreia" e "Louca, Louquinha" (a mais tocada em casas de diversão do país, ano passado, segundo o Ecad). Atento às ondas do mercado, Dennis faz uma ponte entre o mundo tradicional do funk, com o qual jamais perdeu contato, e o pop que tomou conta do estilo. "Analisar o que está rolando, sei o que as pessoas querem ouvir", diz o autor, que, atento à fusão com outros estilos, até mesmo o sertanejo entre eles, ofereceu "Louca, Louquinha" à dupla João Lucas e Marcelo depois de fazer para eles um remix de "Eu Quero Tchu, Eu Quero Tcha", hit chiclete de 2012. "Não precisa inventar muito. O que o pessoal quer, mesmo, é dançar", ele conclui. 

ARTISTA DE ÊXITO NA MÚSICA,
NO CINEMA E NA TELEVISÃO,
O POLIVALENTE DANIEL
FALA DOS DESAFIOS QUE
O MOVEM E ANUNCIA UMA
BIOGRAFIA PARA ESTE ANO

30 ANOS NO TOPO DE QUALQUER PARADA

Por Alex Chagas Vieira, de São Paulo

Treze milhões de discos vendidos. O Grammy Latino. Grandes sucessos no cinema e na televisão como ator. E uma voz praticamente onipresente em trilhas sonoras de inúmeras telenovelas de êxito - inclusive a abertura da atual trama das nove da TV Globo, “Amor à Vida”. Poucos artistas brasileiros exibem um currículo tão invejável como o cantor Daniel. Um triunfo que nem de longe o tornou menos inquieto. Pelo contrário: em 2013, o paulista natural de Brotas se lançou num desafio cujo estofo as três décadas de uma bem-sucedida carreira nas artes lhe deram, e brilhou como técnico na segunda edição do programa “The Voice Brasil”, ajudando a revelar novas vozes para o cenário musical.

Para este ano tem muito mais: novos projetos na música e uma biografia para celebrar seus 30 anos de carreira. Neste papo com a Revista UBC, Daniel relembra a parceria com o amigo João Paulo, morto em 1997, comenta a experiência como ator e analisa a evolução da música sertaneja, cujas bases, sustenta, teriam influenciado até mesmo o funk carioca.

Como você avalia em perspectiva esses 30 anos de carreira e, sobretudo, o início: do primeiro disco, lançado em 1985, com João Paulo, até o estrelato, que se desenhou a partir de 1990 e atingiu o auge com a canção “Estou Apaixonado”, em 1996?

Posso dizer que foi um período muito especial, em que ramos muito, plantamos uma história e, depois, pudemos começar a colher os frutos desse trabalho, com “Desejo de Amar” (1990) tocando nas emissoras de rádio. Foi a primeira grande vendagem de João Paulo e Daniel. Depois disso, vivemos uma trajetória crescente, tudo muito positivo. Estávamos muito felizes com esse reconhecimento. “Estou Apaixonado” mudou de vez o rumo da nossa carreira, foi uma fase que jamais vai sair da minha memória. Costumo dizer que essa canção, trazida por Manoel Nenzinho Pinto, foi o grande divisor de águas!

Assim como Mococa e Paraíso, você e João Paulo formaram uma dupla sertaneja composta por um branco e um negro. Existia racismo na música e no sertanejo,

se compararmos aquele época com os dias de hoje?

Infelizmente tenho que dizer que havia, nós driblávamos isso, procurávamos não focar e não dar importância, mas havia racismo, sim, em algumas situações. O nosso foco sempre foi a música e fazer o trabalho direito.

E ainda acha que existe atualmente?

Eu gostaria de dizer que o racismo não existe no nosso país, mas não posso. Sei que tem gente que ainda passa por isso, que ainda sofre, e me entristece saber que é assim. Perto de mim não vejo há muito tempo, mas sei que esse sentimento pequeno existe em algumas pessoas.

No auge do sucesso da dupla, em 1997, um acidente matou João Paulo, causando grande comoção nacional. Certamente foi um grande choque na sua vida, pessoal e profissionalmente. Como foi a superação dessa fase?

Foi muito difícil, nunca senti algo parecido, foi como se o chão se abrisse sob meus pés. Mas eu recebi muito apoio, minha família, meus amigos, e os fãs me carregaram no colo. Era esse meu sentimento: de que essa torcida das pessoas para que eu me recuperasse me amparava. Aos poucos, fui criando forças para conviver com a dor, com a ausência dele. Ainda hoje ele é muito presente na minha vida, sempre sonho que estamos voltando a cantar juntos. João Paulo me faz muita falta.

Modas caipiras como “Dia de Visita”, de autoria de Moacyr Franco, viraram clássicos com você e João Paulo. Você também gravou discos de cânones da música sertaneja ao lado de outros grandes intérpretes, como Almir Sater, Pena Branca, Chitãozinho e Xororó. Sente falta de compositores que façam canções nesse estilo que os fãs cultuam como sertanejo de raiz?

Eu sou saudosista e um apaixonado pela música de raiz. Sinto falta, sim, e por isso quis resgatar os clássicos com um projeto, “Meu Reino Encantado”, que, aliás, era uma ideia original minha para ser executada com o João Paulo. Quero gravar um DVD com esse repertório, que faz parte dos três álbuns que lançamos, e em breve vou realizar esse sonho. Mas existem muitos compositores e cantores da atualidade que compõem – e muito bem - esse estilo! Dois grandes exemplos deles: Moacyr Franco e Rick.





O que pensa do fenômeno do chamado sertanejo universitário, essa fusão do gênero com outras expressões pop que acaba tornando mais porosas as fronteiras entre os estilos mais populares e jovens, com letras que falam menos da vida rural e do amor e abordam, sobretudo, a curtição, o imediatismo, os carros, a “pegação” e a grana?

Eu acho válido o trabalho que tiver fundamento, verdade e talento. Há muita gente nova com essas qualidades, e a fusão de gêneros, se a moçada está gostando, é bacana! Só não sou muito adepto das letras vulgares, acho que daria para termos animação com mais conteúdo. Aliás, em se tratando de misturas de gêneros, desde que me conheço por gente elas existem. Você sabia, por exemplo, que a batida do funk tem muito a ver com a história de uma dupla sertaneja de muitos anos atrás, aliás uma das grandes responsáveis por muitas mutações dentro da música brasileira? Falo de Léo Canhoto e Robertinho. Essas fusões de estilos sempre existiram, a música sempre experimenta tendências diferentes. É estranho falar que um estilo tão ligado ao Rio tenha relação, de alguma forma, com o sertanejo, não? E que o sertanejo influenciou tantos artistas de outros estilos em outros estados... Por isso, quando me perguntam se a música sertaneja veio para ficar, preciso responder? (risos)

Como surgiu o convite para trabalhar em cinema, no megassucesso “O Menino da Porteira” (por cuja trilha sonora, inclusive, Daniel ganhou um Grammy Latino)? Como foi essa experiência na ficção?

Esse convite, na verdade, surgiu há anos, quando realizei um trabalho com o diretor do filme, Jeremias Moreira. Na época achei ser uma utopia! Fui convidado pelo Jeremias Moreira e pelo Moracy do Val, que respectivamente foram diretor e produtor da primeira versão desse clássico do cinema, e na

hora aceitei o desafio. Me fascinou a ideia de incorporar um personagem tão complexo. Estudei para isso, fui orientado, e foi uma das melhores experiências da minha vida, sem dúvida. Pude conviver com minha terra natal, Brotas, e até fazer uma pré-estreia num lugar onde comecei minha história musical, o Cine São José!

Na mesma época, você também trabalhou na novela “Paraíso”, de Benedito Ruy Barbosa, na TV Globo. É algo que cogita voltar a fazer?

A novela surgiu quando já tínhamos o filme lançado, (nela interpretaria) o papel de um peão também. Isso me atraiu, e, mais uma vez, aprendi muito. Não sou ator, mas eu gosto de desafios, me empenho para que o resultado seja o melhor possível. Se pintar um convite que me encante, eu me arrisco novamente, sim!

Falando em experiências diferentes, como foi cantar num cruzeiro em 2010? A proximidade com o público é outra, não?

O cruzeiro foi algo diferente mesmo. Adorei, e é lógico que pretendo passar por essa experiência novamente! Fiquei próximo do meu público, foi ótimo, mas não precisamos estar só em alto-mar para isso acontecer. Recentemente, mesmo, nos encontramos num resort para uma programação que envolveu sessão de autógrafos e um show. Da mesma forma que no cruzeiro, nós conseguimos estreitar essa relação, e isso é algo que sempre procurei fazer durante minha carreira.

Você é um artista que está constantemente se renovando no imaginário das pessoas. Nos últimos meses, entrou nas casas dos brasileiros cantando o tema de abertura da novela “Amor à Vida”, de

Gonzaguinha. Sem falar no elogiado trabalho como jurado do programa “The Voice Brasil”. Existe alguma tática para ficar em evidência por tantos anos?

Não. No meu caso, acredito que tudo que está acontecendo de positivo foi porque nós plantamos algo nessa trajetória. Estou num momento maravilhoso, muitas coisas boas acontecendo, e essa abertura da novela foi uma delas, um verdadeiro presente para mim. Quero continuar fazendo tudo com muito amor e dedicação.

Como técnico/jurado no “The Voice”, você se viu numa nova posição: revelando talentos. Alguém também o apadrinhou, por assim dizer, no início da carreira? E como foi a experiência de fazê-lo agora?

Sempre fui encorajado, e acho que termos pessoas ao nosso lado com sinceridade para nos apoiar é fundamental. Não pode existir aquilo de “se achar”, é preciso ter pé no chão, e acho que isso é o principal que eu gostaria de passar para esses novos talentos. Procurei dizer que, a partir do que aprendi com o passar dos anos, nada é por acaso: nascermos com o dom de cantar e sermos artistas, principalmente! Temos que saber entender isso, é muita responsabilidade envolvida.

O que está criando para este ano?

Estou correndo, mas com a cabeça fervilhando de ideias. Quero já no começo deste ano colocar no papel essas propostas e começar 2014 produzindo (novas músicas). Posso adiantar que também traremos um livro com a minha biografia. Está sendo escrita pelo Tom Cardoso, que tem entrevistado a mim, aos meus familiares e a algumas pessoas que fizeram parte da minha história. Não tenho como adiantar os assuntos do livro, mas vai haver, sim, muitas coisas que as pessoas não sabem, detalhes dos acontecimentos etc. Aguardem! 





Mu Chebabi | Foto: Marcelo Correa

Luiz Caldas
Foto: Fernando Vivas

Pedro Luís | Foto: Jorge Bispo



Rodrigo Maranhão | Foto: Washington Possato

CARNAVAL: É HORA DE TRABALHAR

COMO É O TRABALHO DE QUEM COMPÕE
AS MÚSICAS QUE FAZEM TODO MUNDO
PULAR NA FESTA MAIS POPULAR DO PAÍS

Por Bruno Albertim, do Recife

É certo como fogos de artifício no réveillon e milho em festa junina: depois de uma maratona de shows entre o Rio e Olinda, suas cidades de adoção e adoração, Alceu Valença sempre comanda uma apoteose de frevo na Terça-Feira Gorda do Marco Zero, praça festiva aberta ao povo, ponto inaugural e símbolo do Recife. Não tem quem lhe altere o calendário. É como a coroação, o ápice, de um trabalho que terá começado meses (às vezes anos) antes. “O carnaval é sempre inspirador para os artistas verdadeiramente amigos da arte”, diz o compositor, que, finda a festa, já começa a pôr a cabeça para bolar novos sucessos para o ano seguinte. Desde 2013, por exemplo, ele trabalha no álbum “Amigos da Arte”, dedicado aos ritmos carnavalescos pernambucanos - que, ao contrário do que pode supor um leigo, são inúmeros. “No carnaval, toco os gêneros do litoral e da Zona da Mata, que conheci quando me mudei do Agreste para a capital e que causaram grande impacto nessa época de festa: frevo de rua, frevo de bloco, maracatu, caboclinho, ciranda”, enumera este símbolo vivo da folia de rua em Pernambuco.

Como ele, são incontáveis os artistas país afora cujo metabolismo criativo se nutre do carnaval - e cuja obra alimenta a festa. Líder da banda A Parede e do Monobloco, Pedro Luís é um dos nomes mais associados ao carnaval de rua do Rio. Mas a prova de que a folia lhe está inscrita no DNA é que sua área de atuação não tem fronteiras: “Este ano compus, com parceiros, um samba-enredo para a (escola de samba Unidos de) Vila

Isabel”, diz o carioca. “Essa música é um samba que fala de um Brasil plural, geográfico e racial”.

Com exceção de sambas, muitos deles, Pedro Luís quase não compõe nada para si ou para A Parede - neste período especial. “Do final do ano até o carnaval, fico quase que exclusivamente em função do Monobloco”, diz, sobre o bloco-banda que vai dos palcos às ruas. Em seu repertório, sambas novos, marchinhas e os hits do cancionário pop brasileiro. E, claro, os clássicos de todos os tempos, cuja pesquisa não é menos laboriosa. Revisitar antigos repertórios é um trabalho que demanda tempo e *feeling*. “Os velhos clássicos são garantia de sucesso”, diz, fã de sambas de Silas de Oliveira e de marchinhas das décadas de 1940, 1950 e 1960, o período mais fértil do gênero.

Pedro Luís é especialmente entusiasta do concurso de marchinhas do carnaval do Rio, que credita como um celeiro de novas composições - e eventuais clássicos do futuro. Estar atento aos calendários de concursos é importante para compositores que querem apresentar seu trabalho, ele diz. “De vez em quando, aparecem novos clássicos instantâneos, algo que significa inovação do repertório”, diz o artista, que planeja um novo disco solo, mas só deve ter tempo para pensar no álbum quando Momo sair de cena. “Por enquanto, esse disco é só um zigoto”, brinca.

Um dos clássicos recentes a que ele se refere foi composto pelo também carioca Mu Chebabi, autor de trilhas para a TV, compositor e carnavalesco “em retomada”. É o “Samba da Lata”,

canção surgida em 1988, e já com diversas regravações, sobre o mítico verão de 1987, quando um navio despejou um inusual carregamento nas praias da Zona Sul do Rio de Janeiro: latas lacradas repletas de maconha. Com outros sucessos no currículo carnavalesco, Chebabi deu um tempo recentemente para se dedicar a suas outras áreas. Mas o novo ímpeto da folia de rua na cidade, que não para de crescer e se transformar, o atraiu outra vez. “Fiquei quatro anos sem compor para o carnaval”, conta, enquanto trabalha a todo vapor na ala dos compositores do bloco Suvaco do Cristo. Para ele, saudavelmente os blocos já não são dependentes das marchinhas de outrora. “Gosto especialmente dos blocos que fazem misturas com a música pop. Como os que tocam o repertório de Bob Marley e dos Beatles com sambas”.

Isso não significa, de modo algum, pouco caso com a iconografia musical do carnaval. “As marchinhas antigas parece que sempre existiram, são coisas sagradas, feitas por deuses”, diz ele, fã tanto de Lamartine Babo, Braguinha e Mário Lago quanto de renovadores do ritmo, como Edu Krieger e Eduardo Dusek.

Em comum, todos esses compositores são excelentes cronistas, gente com um olhar atento (e bem-humorado) sobre os temas mais quentes no país, no mundo - e na esquina de casa também. Este ano, Chebabi vai na contramão do que acredita ser o assunto mais frequente das novas marchinhas: “Acho que todo mundo vai falar das manifestações que tomaram conta do país. Eu vou falar sobre a legalização da maconha no Uruguai”.

A turma do Bangalafumenga, do Rio, também vai fazer diferente este ano. Híbrido de banda e bloco, o grupo vai dar uma guinada no estilo, fruto da explosão recente do carnaval de rua. “O repertório mais pop estava muito presente nos nossos trabalhos. Agora, queremos retomar com mais força a musicalidade do bloco”, diz Rodrigo Maranhão, frontman do Banga, que, em sua versão banda, criou o megahit “Loirinha Bombril”, sucesso com o Skank, e foi indicada em 2009 ao Prêmio da Música Brasileira na categoria Melhor Disco de Pop e Rock. Já na versão bloco, eles arrastam, facilmente, 150 mil foliões pelas ruas da capital fluminense durante os dias de festa.

Na Bahia, quem também está preparando um disco dedicado ao mais baiano dos ritmos carnavalescos é Luiz Caldas, o pai do axé. “O trio era uma invenção baiana que só tocava frevo, uma música pernambucana. Eu sentia uma necessidade de misturar os ritmos, tocar rock, samba... Inventei aquela música”, lembra ele, sobre o nascimento do gênero, há quase 30 anos.

Apesar de reconhecido como pai de um ritmo híbrido por natureza, Caldas diz que o axé anda meio esquisito esteticamente. “Hoje, as cantoras só querem cantar como a Beyoncé”.

Alceu Valença | Foto: Marcelo Correa



Ainda que longe da mídia de massa, Luiz Caldas nunca produziu tanto: “Antes, eu era escravo da indústria do disco. Era preciso US\$ 200 mil para lançar um disco por ano. Atualmente, lanço um por mês”, diz ele, multi-instrumentista e polirrítmico. “É que tenho um estúdio em casa. E toco em banda desde muito cedo, toco Beatles, toco clássico”, explica o artista, produtor de discos que vão do heavy metal à música clássica. “Por enquanto não ganho dinheiro (risos). Mas oxigeno minha carreira”, diz ele que, dono de grande parte do repertório da “música dançante brasileira”, pode financiar, com os direitos autorais, suas facetas musicais menos óbvias.

Frequente e reverenciado nos trios elétricos de Salvador, Caldas não é tocado (pelo menos não suas criações mais recentes) nas rádios locais. A razão, ele diz, é o jabá. “Eu sou como Carlinhos Brown é e o Braguinha foi: vivo para o carnaval”.

O veterano Alceu faz coro com o baiano quando o assunto é o encontro da boa música com o mercado. “O Brasil continua pródigo em talentos. Viajo por todos os cantos do país e vejo muita gente fazendo música de qualidade. O problema é que os meios de comunicação, salvo honrosas exceções, estão dominados por uma música descartável, excessivamente enlatada, sem referência na cultura brasileira”, critica.

Para fazer um frevo tomar de assalto as ruas de Recife e de Olinda é preciso, ele ensina, assumir “estratégia de guerrilheiro”: “Os compositores têm de ter iniciativa”. “Bom Demais”, arrasa-quarteirão do seu disco “Estação da Luz”, só estourou em Pernambuco porque o autor da música, J. Michiles, distribuiu a partitura para todas as orquestras de frevo que conhecia.

“As orquestras são o termômetro”, define Michiles. “Este ano, fiz um frevo para o (bloco) Galo da Madrugada. A gente vai mostrando ao bloco para o frevo estar na boca do povo na hora do desfile”, conclui um dos mais constantes parceiros de Alceu e autor do incendiário frevo “Diabo Loiro”.

Em 2014, quando completa 70 anos de carreira, Michiles quer fazer uma nova tiragem do disco - esgotado - “Asas do Frevo”. Gravado antes do reconhecimento do estilo como Patrimônio Imaterial da Humanidade, há um par de anos, o álbum trouxe intérpretes como Fafá de Belém e Maria Bethânia com frevos seus. “Vou fazer essa tiragem de maneira independente”.

Se o rádio não ajuda, os ouvidos são treinados na própria plateia. “Recentemente, gravei a música ‘Frevo da Lua’, que fiz em parceria com dois novos compositores, o paulista Mauricio Oliveira e o carioca Gabriel Moura. Tocou em algumas rádios de Recife, mas o povo aprendeu mesmo foi comigo ensinando o refrão no palco, durante os shows”, conta Alceu. 

VOCÊ SABIA?

Os valores arrecadados pela execução pública de música nos clubes, bailes de Carnaval e eventos de rua são distribuídos de maneira indireta, baseados em uma amostragem feita durante o período da festa. A distribuição especial de Carnaval é feita no mês de maio.

Já os shows realizados durante as festas são distribuídos de maneira direta. Ou seja, apenas os autores e editoras das músicas que foram efetivamente tocadas em trios elétricos, desfiles de escolas de samba, blocos carnavalescos e micaretas recebem valores arrecadados nestes eventos.



UM BOM PAPO

PARA ESCLARECER AS COISAS

EVENTO UBC SEM DÚVIDA REÚNE PROFISSIONAIS DA MÚSICA E REPRESENTANTES DA NOSSA ASSOCIAÇÃO PARA TRATAR DE TEMAS IMPORTANTES LIGADOS À GESTÃO COLETIVA

Por Bruno Calixto, do Rio

A UBC promoveu, no final do ano passado, um encontro para esclarecer seus associados sobre temas relevantes no mundo da gestão coletiva. Com transmissão ao vivo por meio do nosso canal no YouTube, o UBC Sem Dúvida reuniu, no Rio de Janeiro, dezenas de pessoas para discutir três assuntos que estão na ordem do dia: a nova lei de direitos autorais (12.853/2013), que, entre outras mudanças, cria uma espécie de instância reguladora federal das atividades do Ecad; os acordos recém-fechados com a TV Globo e a Sky, que voltaram a pagar pela utilização de músicas em sua programação; e as novas regras de distribuição que beneficiam os músicos acompanhantes.

A diretora-executiva da UBC, Marisa Gandelman, abriu o evento, que durou quase quatro horas. Diante de profissionais do meio musical, como autores, empresários e editores, ela traçou um panorama abordando os três assuntos e respondeu perguntas da plateia e dos internautas. A chamada CPI do Ecad, aberta no Congresso Nacional em 2011, e a multa aplicada pelo Conselho de Administrativo de Defesa Econômica (Cade) ao escritório central e a associações de autores, a UBC entre elas, por suposta formação de cartel no estabelecimento de preço para o uso de músicas por emissoras de TV a cabo estiveram entre os temas destrinchados.

Ao explicar a nova lei de direitos autorais, que determina que cada associação negocie individualmente o preço pelo uso de músicas pelos usuários (internet, TV por assinatura, TV aberta, rádio, eventos e usuários gerais), a diretora-executiva da UBC afirmou que o Ecad (Escritório Central de Arrecadação de Direito Autorais) fazia a negociação com os usuários e, posteriormente, era feita a distribuição proporcional dos valores aos titulares. “Agora o eixo da proporcionalidade vai sair da distribuição e vir para a arrecadação”, ela argumentou. Ou seja, cada associação deverá fazer o seu preço de acordo com o repertório utilizado, algo que só é conhecido após o processo de distribuição. Em seguida, Marisa comentou sobre o aumento da interferência do Ministério da Cultura na mediação entre associações e titulares, previsto na lei 12.853, mas cujos parâmetros de ação ainda não foram determinados. “Se o MinC entender que algo não está correto, por exemplo, vai poder mandar alterar os dados”, citou.

A falta de regulamentação da lei suscitou dúvidas entre os presentes. O compositor e arranjador André Agra, da Saladesom Records, por exemplo, perguntou se não existiria o risco de os usuários pararem de pagar enquanto ela não se dá e revelou sua preocupação com a falta de clareza da nova legislação. A pergunta refletiu o temor de muitos compositores, e foi sugerido que algumas incongruências da lei poderiam ser sanadas no regulamento. Para Marisa, “um regulamento não pode mudar a lei, assim como uma alteração no Código Civil não pode ferir a Constituição”.

Em outro momento do encontro, o compositor Ramon Cruz, de Salvador, que acompanhava o encontro pela internet, quis entender melhor o acordo fechado entre o Ecad e a TV Globo para a regularização dos depósitos referentes a direitos autorais, desde 2005 realizados em juízo. Cruz perguntou quanto o total acordado representava em relação ao que já havia sido pago e levantado em juízo. Marisa explicou que o acordo atingiu a ordem de R\$ 400 milhões (parte já paga em dezembro passado e a outra parte a ser quitada em julho próximo) e que o valor que já havia sido pago em juízo era de aproximadamente R\$ 423 milhões.



Uma importante medida foi anunciada nesse trecho do encontro. A UBC repassaria um terço do percentual societário que recebe pela administração do repertório para seus associados no pagamento dos valores relativos aos acordos da TV Globo e da Sky. Uma parte da distribuição já foi feita e, além do 0,5% já repassado em todas as distribuições, houve um bônus de 2% do total arrecadado para estes acordos. Já o Ecad repassou aos titulares 2% dos 17% de sua taxa administrativa. Assim, um titular que, no final das contas, ficava com 76% do total pago pelos usuários das músicas teve o montante elevado para 80%.

Para encerrar, o gerente de operações da UBC, Fábio Geovane, falou sobre as mudanças na distribuição de músicos acompanhantes. A partir do mês passado, todos os acompanhantes participantes de fonogramas contemplados em qualquer distribuição passaram a ser beneficiados, incluindo as rubricas de rádio, TV aberta, TV por assinatura, casas de festas, casas de diversão, carnaval, cinema e festas juninas. Até novembro de 2013, eram contemplados somente os músicos dos fonogramas mais executados em rádio e TV aberta. A mudança se tornou viável economicamente devido ao aumento da arrecadação de direitos autorais de execução pública no país.

A empresária Kika Seixas acompanhou de perto o encontro e fez uma avaliação positiva dele. “Fiquei muito satisfeita com tudo que ouvi. Não tenho o hábito de participar dessas reuniões... Que bom que eu pude esclarecer algumas dúvidas”, disse. “Só fico preocupada com a não regulamentação dessas

novas regras de arrecadação. O desafio do Ministério da Cultura é reunir pessoas qualificadas para não correremos riscos”, pontuou. Kika e a filha Vivi Seixas detêm um terço dos direitos sobre a obra de Raul Seixas.

Para a gerente de Comunicação da UBC, Elisa Eisenlohr, a ideia do encontro foi dar transparência a temas vitais para qualquer criador. De acordo com ela, a ordem é promover a proximidade entre o associado e a UBC. “São temas muito complexos, por isso é importante participar, assim como enviar sugestões. Estamos abertos aos associados, os verdadeiros donos do negócio”, concluiu Elisa, acrescentando que uma próxima edição do UBC Sem Dúvida será realizada ainda no primeiro semestre de 2014. 

**VOCÊ PODE ASSISTIR NO
NOSSO CANAL NO YOUTUBE
([YOUTUBE.COM/UBCMUSICA](https://www.youtube.com/ubcmusica))
AO ENCONTRO COMPLETO.**

SUCESSO: COMO ADMINISTRAR

**UM 'HIT' PODE REPRESENTAR UM SALTO NOS
GANHOS DOS CRIADORES, MAS É PRECISO
FOCO E ATENÇÃO PARA ENTENDER A
MELHOR MANEIRA DE APROVEITÁ-LO**

Do Rio

Emplacar um grande sucesso é, sem dúvida, recompensador, mas pode acarretar algumas frustrações, dependendo das expectativas e da forma como o compositor gerencia suas finanças. Especialistas em negócios no meio musical lembram que um hit não tem efeito a curto prazo sobre a conta bancária de seu autor e que também é prudente esperar um baque nos rendimentos quando a exposição na mídia diminuir, além de ser aconselhável consultar um contador para entender quais são todas as possibilidades de manter a melhor saúde fiscal possível, seja como pessoa física ou jurídica.

Segundo o advogado Thiago Endrigo, é comum que alguns meses separem o “estouro” de uma música dos rendimentos para o seu autor.

“Se uma música estoura hoje, o lucro geralmente chega depois de seis meses. Esse é o tempo que demora para se refletir na venda de discos. No caso das execuções em shows, é preciso aferir quantas vezes a música foi tocada e em quais lugares. No caso de execuções em rádio e TV, os dados são processados pelo Ecad e distribuídos conforme o calendário de pagamentos. Todo esse processo demora, pois é preciso coletar e analisar essas informações”, explica Endrigo, que trabalha para a Agência de Música, representante de Marcelo Camelo, Mallu Magalhães e outros artistas.

Outro fator retardante é que a contabilidade da execução pública de rádio e TV Aberta, que são as rubricas com os maiores valores, é feita por trimestres.

“Isso significa que, ao fim de três meses, calcula-se o montante a ser pago por direitos autorais relativos àquele período, e ainda há um prazo de mais 30 dias para os repasses serem feitos”, acrescenta Endrigo.

A gerente de controle financeiro e contábil da UBC, Taura Cristina Targino, conta que é comum haver antecipação de pagamento, por meio de repasses mensais aos artistas, mas as quantias são calculadas com base nos rendimentos do trimestre anterior. Portanto, um hit demora a entrar nessa projeção. E, depois que entra, devem-se prever oscilações. “Quando calculamos o adiantamento, levamos em conta alguns fatores. Se uma música está tocando muito numa novela, e essa novela sai do ar, isso precisa ser considerado no cálculo, senão o compositor leva um adiantamento maior do que deveria e, depois, fica com saldo devedor, que precisará ser abatido em meses posteriores”, ela diz.

Algumas situações são curiosas, como a de músicas que ficam esquecidas a maior parte do ano, mas são ressuscitadas em períodos específicos, como o carnaval e o Natal. Uma dica de Targino é que os compositores tenham contas bancárias cadastradas na UBC, pois assim recebem imediatamente o repasse das quantias depositadas pelo Ecad.

Endrigo observa que um supersucesso muitas vezes faz, no embalo, com que mais músicas do mesmo autor tenham êxito. Para ele, uma boa tática é que os compositores mantenham o ritmo de produção alto. “Um nicho muito bom é o do sertanejo universitário. Hoje, as duplas sertanejas querem exclusividade na gravação de canções, para não correrem o risco de uma dupla mais conhecida regravar a mesma música e praticamente monopolizar os lucros com direitos conexos. Para ter exclusividade, eles pagam mais aos autores”.

A forma de receber o dinheiro também merece atenção e ponderação. Para Endrigo, pode ser mais vantajoso ser pago como pessoa jurídica do que como física. Ele considera o índice de 27,5% de tributação que incide sobre essa última categoria para justificar a recomendação. Como pessoa jurídica, a carga tributária varia de acordo com o objeto social da empresa, ou seja, as atividades que ela exerce - bem como o volume de negócios.

“Há atividades que geram contribuição sindical, como agenciamento de equipe técnica para shows. Há outras que são tributadas de acordo com a cidade. Em São Paulo, se você coloca produção de eventos culturais no seu objeto social, paga mais R\$ 3.500 anuais”, exemplifica Endrigo.

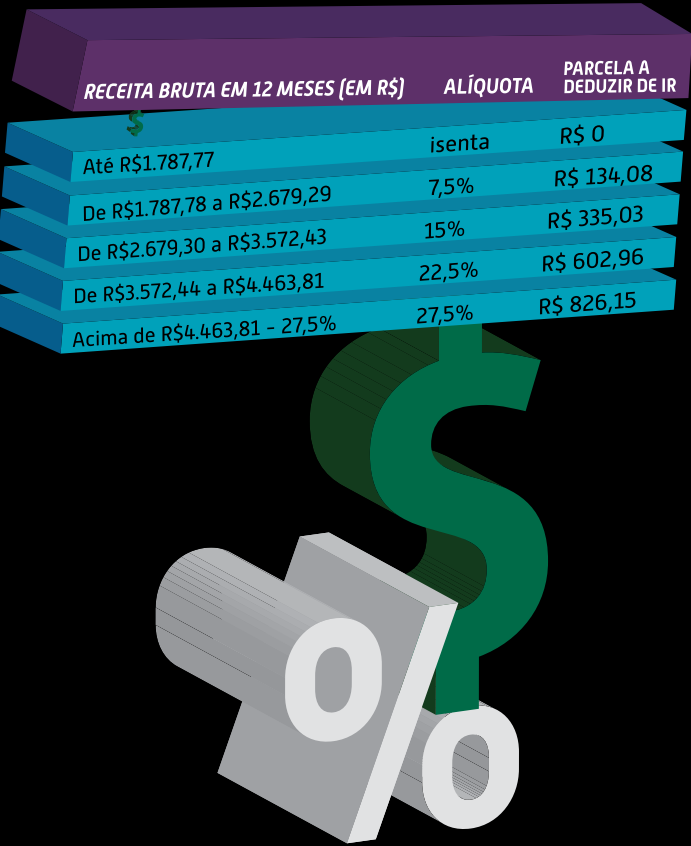
A questão é controversa. Targino defende que nem sempre a pessoa jurídica tem vantagem sobre a física. Ela lembra que a tributação de 27,5% se aplica no caso de renda mensal acima de R\$ 4.271 e que, portanto, há muitos casos em que o índice pode ser menor - e, portanto, mais vantajoso receber como pessoa física. Mesmo que não o seja, ela afirma que é sempre bom consultar um contador antes de optar por abrir uma empresa. “Quando se tributa a empresa por lucro real, e não presumido, entram na conta 7,6% de Cofins, 15% de imposto de renda, 9% de CSLL e 1,65% de PIS, o que acaba pesando bastante. É preciso fazer uma análise embasada para tomar uma decisão”, ela aconselha.

Na próxima página, confira diferentes impostos que incidem sobre pessoas físicas e jurídicas e veja qual dos perfis é melhor para você.

QUER PAGAR QUANTO?

Diferentes alíquotas de imposto de renda incidem sobre a renda do contribuinte segundo a categoria em que ele se insere. Confira a seguir uma representação simplificada delas.

PESSOA FÍSICA



MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL

Esta é a modalidade mais simples de pessoa jurídica, com desconto na quase totalidade dos impostos, mas desde que em 12 meses o total recebido não ultrapasse R\$ 60 mil. Entre os impostos isentos aos MEI estão Imposto sobre a Renda da Pessoa Jurídica - IRPJ; Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI; Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CSLL; Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS; Contribuição para o PIS/Pasep; Contribuição Patronal Previdenciária – CPP para a Seguridade Social; Contribuição de Terceiros.

Há, contudo, um recolhimento mensal obrigatório denominado SIMEI, que obedece a uma série de características do serviço prestado e da receita auferida. Corresponde a R\$ 37,20 (comércio ou indústria), R\$ 41,20 (prestação de serviços) ou R\$ 42,20 (comércio e serviços)

PESSOA JURÍDICA

EMPRESA NÃO INSCRITA NO SIMPLES NACIONAL

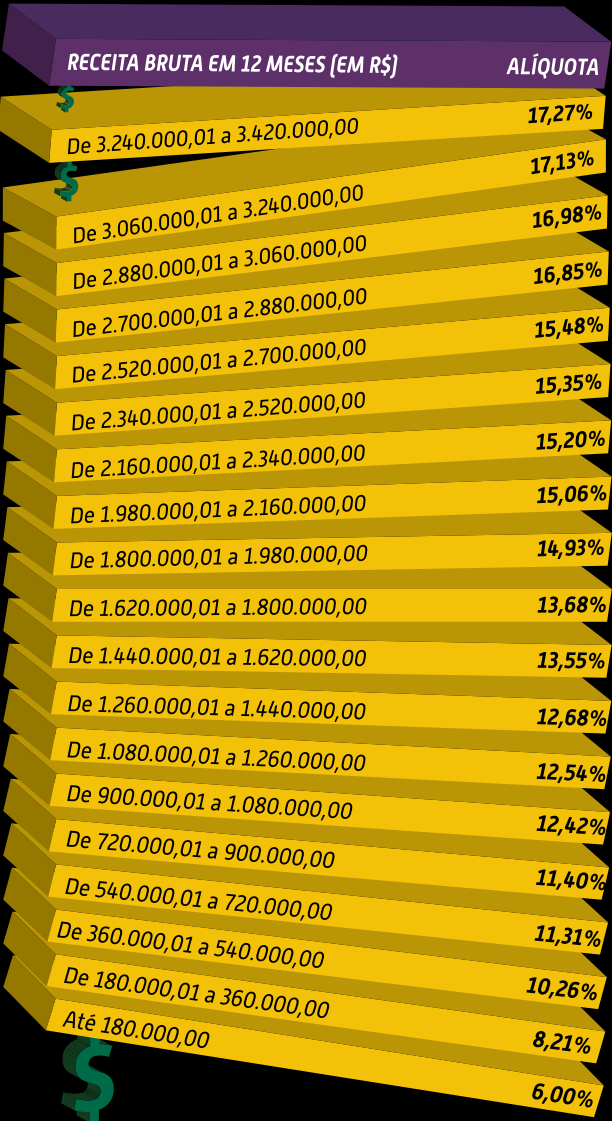
Em primeiro lugar, no âmbito da Receita Federal, deve-se definir a forma de tributação da empresa (se Lucro Presumido, Lucro Real etc.). Os impostos variam de acordo com a renda da empresa.

Basicamente, a empresa está sujeita ao pagamento dos seguintes impostos: IRPJ, CSLL, PIS/Pasep e Cofins (são contribuintes do PIS e da Cofins as pessoas jurídicas de direito privado em geral, inclusive as pessoas a elas equiparadas pela legislação do Imposto de Renda, exceto as microempresas e as empresas de pequeno porte submetidas ao regime do Simples Nacional, que fazem o recolhimento unificado. Além disto, há a obrigatoriedade do recolhimento do ISS (Imposto Sobre Serviços), um tributo municipal.

EMPRESAS INSCRITAS NO SIMPLES NACIONAL

Estão sujeitas a um recolhimento de alíquota única composta pela soma dos seguintes impostos: IRPJ, CSLL, Cofins, PIS/PASEP e ISS.

TABELA DO SIMPLES NACIONAL



A REVISTA UBC CONTINUA A MESMA. JÁ OS MESES DE CIRCULAÇÃO MUDARAM.

AGORA, VOCÊ PASSA A RECEBÊ-LA EM FEVEREIRO, MAIO, AGOSTO E NOVEMBRO.

BOA LEITURA!

ANO NOVO, CALENDÁRIO NOVO

ATENÇÃO, ASSOCIADO, PARA O NOVO CALENDÁRIO DE PAGAMENTOS.

Desde janeiro passado, a distribuição para os músicos acompanhantes passou a ser feita junto com a rubrica de origem do crédito, tornando extinta a distribuição especial de músico nos meses de fevereiro, maio, agosto e novembro.

VEJA, MÊS A MÊS, COMO
FICARÁ A DISTRIBUIÇÃO:

***DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL:**
RÁDIO, DIREITOS GERAIS E MÚSICA AO VIVO,
CASAS DE DIVERSÃO, TV ABERTA E CASAS DE FESTAS

OBSERVAÇÕES:
A DISTRIBUIÇÃO DE SHOWS E CRÉDITOS PROTEGIDOS
OCORRE TODOS OS MESES.
A DISTRIBUIÇÃO DE MÚSICOS ACOMPANHANTES
OCORRE JUNTO A TODAS QUE UTILIZAM FONOGRAMAS

JANEIRO RUBRICA DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL* PERÍODO DE CAPTAÇÃO JULHO A SETEMBRO	FEVEREIRO RUBRICA TV POR ASSINATURA PERÍODO DE CAPTAÇÃO JANEIRO A JUNHO
MARÇO RUBRICA CINEMA PERÍODO DE CAPTAÇÃO SETEMBRO A FEVEREIRO	ABRIL RUBRICA DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL* PERÍODO DE CAPTAÇÃO OUTUBRO A DEZEMBRO
MAIO RUBRICA CARNAVAL	JUNHO RUBRICA MÍDIAS DIGITAIS PERÍODO DE CAPTAÇÃO JULHO A DEZEMBRO
JULHO RUBRICA DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL* PERÍODO DE CAPTAÇÃO JANEIRO A MARÇO	AGOSTO RUBRICA TV POR ASSINATURA PERÍODO DE CAPTAÇÃO JULHO A DEZEMBRO
SETEMBRO RUBRICA CINEMA PERÍODO DE CAPTAÇÃO MARÇO A AGOSTO RUBRICA FESTA JUNINA	OUTUBRO RUBRICA DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL* PERÍODO DE CAPTAÇÃO ABRIL A JUNHO
NOVEMBRO RUBRICA MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	DEZEMBRO RUBRICA MÍDIAS DIGITAIS PERÍODO DE CAPTAÇÃO JANEIRO A JUNHO